

Ler e escrever com Nietzsche e Sêneca na Educação Infantil: uma defesa da infância e da narrativa

Resumo

Este artigo discute como a leitura e a escrita na Educação Infantil podem ser entendidas como práticas narrativas que valorizam a autoria e a criação das crianças, e não como preparação para a alfabetização formal. Com inspiração em Nietzsche e Sêneca, propõe-se uma abordagem que reconhece a infância como um espaço de experimentação estética, ética e política, em que a leitura e a escrita são envolvidas no corpo como práticas de liberdade e expressão, rejeitando-se práticas utilitárias e moralizantes. A Educação Infantil é vista como um momento presente e vital em que as práticas de leitura e escrita podem construir culturas, linguagens e modos de subjetivação das crianças, promovendo a criação de sentidos em múltiplas perspectivas.

Palavras-chave: ler e escrever; educação infantil; narrativa; filosofia da educação.

Betina Schuler

Universidade do Vale do Rio dos
Sinos – UNISINOS – São
Leopoldo/RS – Brasil
beshuler@unisinos.br

Tiago Almeida

Instituto Politécnico de Lisboa –
Lisboa – Portugal
CI&DEI – Politécnico de Lisboa
tiagoa@eselx.ipl.pt

Para citar este artigo:

SCHULER, Betina; ALMEIDA, Tiago. Ler e escrever com Nietzsche e Sêneca na Educação Infantil: uma defesa da infância e da narrativa. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 26, n. 62, p. 70-81, set./dez. 2025.

DOI: 10.5965/1984723826622025070

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723826622025070>

Reading and writing with Nietzsche and Seneca in Early Childhood Education: a defense of childhood and narrative

Abstract

This article discusses how reading and writing in early childhood education can be understood as narrative practices that value children's authorship and creativity, not just as preparation for formal literacy. Inspired by Nietzsche and Seneca, it proposes an approach that recognizes childhood as a space for aesthetic, ethical, and political experimentation, in which reading and writing are embodied, functioning as practices of freedom and expression, rejecting utilitarian and moralizing approaches. Early childhood education is seen as a present and vital moment, in which reading and writing practices can build cultures, languages, and ways of children's subjectivation, promoting the creation of meaning from multiple perspectives.

Keywords: reading and writing; early childhood education; narratives; philosophy of education.

Leer y escribir con Nietzsche y Séneca en la Educación Infantil: una defensa de la infancia y la narrativa

Resumen

Este artículo discute cómo la lectura y la escritura en la educación infantil pueden entenderse como prácticas narrativas que valoran la autoría y la creatividad de los niños, no como preparación para la alfabetización formal. Inspirado en Nietzsche y Séneca, se propone un enfoque que reconoce la infancia como un espacio de experimentación estética, ética y política, en el que la lectura y la escritura están implicadas en el cuerpo, como práctica de libertad y expresión, rechazando métodos utilitarios y moralizantes. La educación infantil se considera un momento presente y vital, en el que las prácticas de lectura y escritura pueden construir culturas, lenguajes y modos de subjetivación de los niños, promoviendo la creación de sentidos desde múltiples perspectivas.

Palabras-clave: ler e escrever; educação infantil; narrativa; filosofia de la educación.

Sobre os começos

“Eu sou curioso por demais, questionável por demais, animado por demais para poder aceitar uma resposta esbofetada” (Nietzsche, 2013, p. 41).

“E ‘onde há riso e alegria, o pensamento nada vale’: - assim diz o preconceito dessa besta séria contra toda a ‘gaia ciência’. Muito bem! Mostremos que é um preconceito!” (Nietzsche, 2009, p. 217).

Nietzsche (2000), em seu livro *Assim falou Zaratustra*, traz a figura da criança no movimento de transformação. Uma figura que não suporta obediência cadavérica e que não apenas destrói, mas que também cria, que carrega a força da afirmação, da invenção e da leveza. Não é somente a destruidora das verdades fossilizadas, mas é também quem cria sentidos, quem diz “sim” ao mundo, porque está no começo – não no sentido cronológico ou deficitário, mas como condição inaugural, como espaço de reinvenção. A infância pode ser entendida, na companhia de Nietzsche, como a mais alta potência do espírito, aquela que instaura outros valores ao brincar, ao rir, ao esquecer, ao começar de novo.

Ousamos invocar essa imagem para pensarmos, neste texto, as práticas do ler e do escrever em escolas de Educação Infantil como possibilidades de criação, de experimentação, de pensamento de quem não aceita respostas esbofeteadas. Não se trata de uma alfabetização concebida como adestramento técnico, mas de ler e escrever como expressão de vida, como produção de mundo e de linguagem, como práticas que acolhem o jogo, o ritmo, o gesto, o silêncio, a escuta e a fabulação. Ler e escrever, nesse sentido, não são entendidos como sistematização alfabética, mas como potência narrativa, como potência de vida e pensamento. São modos de habitar o mundo por meio de palavras, imagens, histórias e perguntas – potência de vida e pensamento, como forma de dizer e existir.

Neste ensaio teórico, buscamos entrelaçar a discussão de Nietzsche (2013, 2006, 2009) sobre ler com o corpo todo, quando o pensamento pulsa na carne e no movimento, e as cartas de Sêneca (2018), quando fala do recolhimento e da transformação via escrita e leitura, para pensarmos o que podem os movimentos do ler e

do escrever na Educação Infantil no presente. Procuramos pensar como a escrita e a leitura, na Educação Infantil, permitem reconhecer na sua exploração uma narrativa própria, em que cada gesto, palavra ou silêncio pode ser uma expressão de autoria e criação.

Pensar uma escrita e leitura orientadas pela infância significa reconhecer a potência narrativa, por um lado, do gesto de ler o mundo à sua volta e, por outro, de escrever sobre a relação de si com o mundo de múltiplas formas. No fundo, trata-se de pensar as crianças como criadoras de narrativas, sendo, ao mesmo tempo, personagens e narradoras. Essa experiência é uma forma legítima de autoria e de produção de sentido, anterior à alfabetização formal.

Trata-se de pensar, pois, sobre o que podem o ler e o escrever na Educação Infantil no presente: como práticas que escapam da pressa e da produtividade, que recusam respostas esbofeteadas e que se abrem à lentidão, ao devaneio, ao inacabado, ao que vibra e se transforma.

Nietzsche, Sêneca e as práticas de leitura e escrita

Nietzsche (2013), apesar de severas críticas ao estoicismo em função de uma moral que poderia adoecer a vitalidade da vida, traz em *A Gaia Ciência*, certa admiração pelos exercícios filosóficos estoicos que buscavam autodomínio e lutavam contra a decadência da cultura de seu tempo, sendo dois desses exercícios a leitura e a escrita. Além disso, aparece muito fortemente em Nietzsche a imagem da nutrição, regularmente operada por Sêneca em suas cartas, para examinar a dimensão da leitura e da escrita. Já no prólogo da *Genealogia da moral*, Nietzsche (2006, p. 14-15) afirma que “é certo que, ao praticar desse modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – [...], para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e não um ‘homem moderno’: o *ruminar...*”.

Essa imagem da nutrição via leitura e escrita e da necessidade de uma ruminação lenta encontra-se anteriormente nas *Cartas a Lucílio*, de Sêneca (2018), o que nos remete a um ler e escrever com o corpo todo. Na carta 84, Sêneca (2018) recorre à imagem das abelhas, que não se contentam consigo mesmas e vão de um lugar a outro elegendo as

flores que mais darão mel para dele disporem, se nutrirem e o transformarem em força. A arte estaria justamente na busca e na recolha, na extração. Daí que a escrita e a leitura não estariam apartadas, mas se passaria de uma à outra. Leituras dão o que pensar e permitem-nos escrever – escrever de diferentes maneiras, como um modo de inscrição no mundo.

Portanto, o ler e o escrever não estariam afastados da vida. Pelo contrário, quando afirmamos um pensamento não apartado do corpo, talvez possamos levar em consideração o seguinte conselho: “Sentar o menos possível; não acreditar em nenhum pensamento que não tenha nascido ao ar livre e em livre movimentação – quando também os músculos estiverem participando da festa” (Nietzsche, 2013, p. 45).

Com essa inspiração, entendemos que crianças não brincam de um lado e leem, escrevem, escutam, contam e pensam de outro. O exercício de brincar vai se constituindo como uma narrativa, em que vários personagens, tempos e espaços vão construindo modos de pensar e existir. As crianças vivem as palavras, incorporam-nas, fazem-nas corpo.

Sêneca (2018) diz que lemos porque não nos contentamos com nós mesmos. Nietzsche (2013) diz que ler nos livra de nós mesmos, da mesmidade. Essa perspectiva exige-nos, como professores, uma postura de elegância ao elegermos qual história, conto ou livro será trabalhado com as crianças. Não se trata de qualquer livro; não se trata de literaturas infantilizadas e moralizantes (Andruetto, 2012), mas daquelas que podem produzir força. Quais são as linguagens inéditas que podem ser oferecidas para e com as crianças? Que forças se apropriam desses livros e histórias? Como realizamos essa contação? Quais são os tempos e espaços para essas narrativas nas escolas infantis?

A partir dessas interrogações, defendemos leituras e escritas na Educação Infantil que escapem da moral de rebanho (Nietzsche, 2006) que olha a criança como alguém que ainda não é, que pensa a Educação Infantil como preparação para o ensino fundamental, sempre negando o presente. As crianças estão no presente quando brincam e narram. Elas não têm pressa para brincar, narrar, porque a lentidão é pressuposto da experiência. Não valoram as brincadeiras e as histórias mais novas como as melhores, mas valoram o que afirma a vida, o que pode constituir-se como um abrigo, uma armadura, um movimento.

O conceito de além inventado pelo cristianismo, levado a cabo pelo platonismo e pela ciência moderna, e seguindo com grande parte da filosofia, sustenta essa lógica, tornando-nos ausentes de nós mesmos. Essa lógica leva-nos a operar a leitura e a escrita como algo apartado da vida, como algo “no geral”, como descobrimento de uma verdade dada, como uma revelação de si. São leituras e escritas universais em que apenas encontramos e não precisamos mais procurar (Nietzsche, 2009).

Essa lógica metafísica, na sociedade de controle (Deleuze, 2013), implica-se com o governo neoliberal no presente, tal como uma idolatria (Souza, 2020), atravessando tais práticas, reduzindo-as a habilidades e competências que precisam ser ligeiramente aplicadas, distanciando-as da perspectiva da narrativa e de práticas de liberdade. Ainda mais contemporaneamente, luta-se contra a inserção de livros didáticos na Educação Infantil e testes classificatórios como tentativa de “preparação e alfabetização” para o Ensino Fundamental.

Dá uma leitura e escrita brincantes como práticas de resistência, entendendo-se que não se reduzem à escrita alfabética e que se desdobram na contação de histórias, na leitura de imagens, nos desenhos, nas narrações, nas fotografias, nos movimentos do corpo, nas batidas de sons. O objetivo não é a escrita alfabética (apesar de ela ser muito importante e estar presente, uma vez que vivemos em uma cultura letrada), mas a criação de vida e pensamento com palavras, imagens, gestos, sons, que problematizem os clichês, os estereótipos e os preconceitos. Não se trata de negar a lidação com a escrita alfabética – obviamente que não –, mas esta precisa estar a serviço da fabulação, e não o contrário.

Por isso, a contação de histórias, a leitura de imagens, a narração, os desenhos, as esculturas, as instalações e todos esses traços que deixamos pelo mundo, ações cotidianas na Educação Infantil, não estão aí para instruir o leitor e informá-lo, mas para construir condições de possibilidade para que algo se passe entre as crianças – as histórias, as palavras, os traços, os sons, as sensações. Assim, o critério para pensar essas práticas seria se elas multiplicam as perspectivas, se fazem ver com outros olhos, se exigem um trabalho de crítica e criação junto a si e aos demais.

Essa perspectiva necessita da figura docente para proteger e criar junto com as crianças esse tempo e espaço, a fim de que brinquem, ouçam e inventem histórias e as

narrem umas para as outras, tenham acesso a todo um patrimônio cultural já acumulado, manuseiem diferentes tipos de livros, lendo com o corpo todo, e se experimentem no lugar de autoria, de quem deixa marcas no mundo. Isso porque “[...] nós [...] queremos ser os poetas-autores de nossas vidas, principiando pelas coisas mínimas e cotidianas” (Nietzsche, 2009, p. 202).

É nesse contexto que ler e escrever com as crianças se tornam práticas de cuidado e de invenção. Importa menos dominar uma norma do que escutar o modo como a linguagem escorre, pulsa e se dobra nas mãos infantis. Essas práticas, quando sustentadas por professores atentos, tornam-se ocasiões para habitar poeticamente o mundo (Bachelard, 2001). Elas oferecem às crianças não somente códigos, mas horizontes; não apenas métodos, mas mundos possíveis — mundos que não cabem em currículos apressados ou em metas avaliativas estanques.

Ler e escrever, assim concebidos, são modos de afirmar a existência e de intervir no real. São formas de criar sentido no caos, de ordenar simbolicamente aquilo que ainda não se pode dizer. Escrever, nesse horizonte, não é tarefa exclusiva dos que dominam o alfabeto, mas de todos aqueles que arriscam uma forma, que ousam deixar marcas, que criam passagens entre o vivido e o imaginado.

Isso exige elegância das professoras na hora de escolherem quais palavras, textos e imagens serão mais uma vez apresentados às crianças, justamente para que façam outras coisas com isso. Essa concepção está em consonância com o que Andruetto (2012) afirma ao defender uma literatura “sem adjetivos”, capaz de complexidade, ambiguidade e densidade estética. Do mesmo modo, Walter Kohan (2003) propõe uma escuta da infância que não se antecipa às respostas, mas que as sustenta no tempo da pergunta — tempo que é também o da narrativa, da deriva e da fabulação.

Ler e escrever na Educação Infantil, portanto, não devem ser reduzidos a instrumentos de antecipação escolar, mas entendidos como práticas éticas e estéticas de formação. São movimentos de abertura, que se fazem com os outros, com os textos, com o corpo e com o mundo. Como escreve Deleuze (1999), criar é sempre resistir: resistir à captura da infância como déficit, resistir à linguagem como código fechado, resistir à leitura como decodificação. Assim, ler e escrever na Educação Infantil é mais do que preparação para algo — é afirmação do agora, da infância como acontecimento criador e

político, como gesto que exige presença e compromisso com a liberdade de narrar e de existir.

Ler e escrever como defesa da narrativa

Pensar no ler e escrever na Educação Infantil pede-nos que prestemos atenção nas culturas infantis e em como estão interagindo consigo, com os demais e com o mundo. “Na cultura da criança, o processo de conhecimento acontece universalmente através do brincar, e a arte de contar e ouvir histórias encontra-se inserida nesta linguagem” (Velasco, 2018, p. 73). Isso porque:

Imaginar, fundar outras possibilidades, aparentemente inúteis, é uma forma de conhecer. Um modo em que certas regras são suspensas para que surjam outras, postas ou impostas, pelo próprio processo de criação. A fabulação é uma exigência do inconsciente. O velho artifício de contarmos histórias para nós mesmos e para os outros vai nos construindo, dá forma a nossas experiências [...] (Andruetto, 2012, p. 105-106).

Os bebês brincam com um universo de sons e imagens e, à medida que vão escutando histórias, vão fazendo relações entre imagens e palavras, multiplicando os sentidos, abrindo outros modos de pensamento. Eles vivem e experimentam as palavras, sendo que a palavra para eles é imagem (Velasco, 2018). O principal objetivo não é compreender as palavras, mas sim os sons, as imagens, as sensações, o corpo de quem conta. Aos poucos, a narrativa vai assumindo esse lugar de repertório de memória, de construção da existência, e, brincando, vai afirmando a vida.

Daí que, quando contamos histórias, não é para ensinar alguma coisa, valores ou uma lição de moral, porque cada história pode acontecer e “desacontecer” diferentemente para cada criança, que fará coisas diferentes com essa narrativa. Isso é manter o mundo aberto para e com as crianças, para que possam morar nas histórias e se deslocar a partir delas; para que possam nutrir-se e fortalecer-se com elas.

As ações de ler e escrever na Educação Infantil, mais do que processos de entrada no mundo letrado, são práticas de habitar mundos possíveis e, também, de desorganizá-

los para criar outras realidades. As crianças, ao contarem, desenharem ou criarem suas próprias narrativas, estão produzindo cultura, linguagem e modos de subjetivação.

Desde pequenas, as crianças convivem com diferentes tipos de textos e formas de escrita. Por isso, quando crianças criam histórias e a professora atua como escriba, escrevendo alfabeticamente, faz-se importante deixar estabelecido que a autoria é das crianças. Obviamente que o texto pode ser revisado coletivamente, com pausas para ler como está ficando, dando às crianças a chance de fazerem alterações ao longo da produção. Todavia, deve-se entender que revisão significa muito mais do que correções ortográficas – significa poder seguir pensando junto com o texto. Preocupamo-nos tanto em formar leitores, mas, de acordo com Sêneca (2018), o ler e o escrever são inseparáveis, o que nos leva à pergunta: como lutamos para a formação de escritores? O que entendemos por escritores na Educação Infantil?

A escrita na Educação Infantil, seja com desenhos, sons, texturas ou textos, pode ser tempo e espaço de experimentação, investigação sensível com os sentidos, com as palavras, com o mundo, com o pensamento, múltiplas formas de expressão que se equilibram entre a tradição e alguma criação. Como defende Kohan (2003), educar na infância é também permitir que se ensaie um “pensar outro”, capaz de afirmar-se nas margens do utilitário, do mensurável e do funcional, pois as crianças estão no mundo produzindo cultura. Portanto, o que produzem nas escolas de Educação Infantil, com os diferentes modos como contam e escrevem histórias, fica para os outros e ajuda a construir o mundo. Andruetto (2012, p. 15) lembra-nos de que,

entre algumas comunidades africanas, quando um narrador chega ao final de uma história, põe a palma da mão no chão e diz: *aqui deixo minha história para que outro a leve*. Cada final é um começo, uma história que nasce outra vez, um novo livro.

Trata-se, portanto, de operar com a necessidade de autoria na Educação Infantil, como quem está deixando marcas no mundo, ajudando a construí-lo.

Por isso, essa escrita pode ser um caminho em direção a si mesmo e aos demais; um convite para o outro existir conosco, sempre um movimento. Uma escrita que, justamente porque não sabe, escreve, sem ensinar uma verdade. “Quem escreve busca

uma forma para o que não tem forma e que, por isso, é incompreensível; busca um continente para um conteúdo que escorre ou transborda” (Andruetto, 2012, p. 17).

Palavras, frases, textos que funcionem como um refúgio e uma escalada também para sair de si. Para isso, as práticas de leitura e escrita precisam estar liberadas de uma função utilitária. Uma arte poética, como traz Nietzsche (2009, p. 111), zomba das úteis pertinências, para que possamos dar “nova cor aos pensamentos”. A poesia faz dançar o pensamento e o corpo. Aí estaria o critério de validade dos conhecimentos: no seu grau de incorporação, como condição para a vida, na maneira como atravessam nossos modos de existência.

Nesta perspectiva, leitura e escrita seriam, sempre, leitura e escrita infantil – não por ser menor ou inacabada, mas por ser fabulatória, por habitar o intervalo entre o que se vive e o que ainda não se pôde nomear. A infância, pois, não se resume a uma etapa biológica – é uma força que atravessa os tempos da vida e que sustenta a capacidade de imaginar, de hesitar, de perguntar. Escrever com as crianças, e não somente para elas, é também escrever desde essa infância em nós: uma escrita que se permite errar, escutar, tropeçar, refazer.

Portanto, defende-se uma escrita que não se fecha sobre si, que não se antecipa ao sentido e que o experimenta. Uma escrita que, além de relatar o mundo, o fabula e o reinscreve. Nessa fabulação partilhada, a escola pode tornar-se um lugar de experimentação de pequenas frestas de liberdade, em que as palavras, em vez de domesticar, ampliem o pensamento; em que a leitura, ao invés de corrigir, nos faça olhar para a diferença; em que o escrever não seja repetir o já dito, e sim escavar novos começos.

Considerações finais

Pensar o ler e o escrever na Educação Infantil pode ser, antes de tudo, reposicionar a própria ideia de infância — não como prelúdio da vida adulta ou como fase preparatória para o “real” aprendizado, mas como presença plena, criadora e radicalmente política. Como nos ensinam Nietzsche (2000) e Sêneca (2018), ler e escrever não são meramente atos técnicos ou transferências mecânicas de conteúdos; podem ser

práticas existenciais, formas de vida e pensamento que envolvem o corpo, o tempo, o silêncio, a escuta e o gesto.

Ao recusarmos a leitura e a escrita como dispositivos de adestramento e antecipação, abrimos espaço para compreendê-las como experiências estéticas e éticas, como possibilidades de autoria e de produção de sentido no presente. Tal como defende Andruetto (2012), a escrita vai além de uma técnica que se aplica, sendo uma forma de buscar um continente para aquilo que ainda não tem forma. Fabular é conhecer, narrar é existir.

Neste texto, defendemos que as crianças leem e escrevem desde o corpo, desde a imagem, desde o som e o silêncio. Suas histórias não são preparações para a alfabetização futura; suas histórias são modos de produção cultural e filosófica legítimos. Como afirma Velasco (2018), contar e ouvir histórias é uma linguagem fundamental das culturas infantis. Para Kohan (2003), educar exige escutar as perguntas da infância, sustentando o tempo da espera e do inesperado.

Ler e escrever com as crianças é também resistir às formas escolares que operam sob a lógica da produtividade e do desempenho. Como afirma Deleuze (1999), criar é sempre resistir – e resistir, nesse caso, é afirmar a linguagem como invenção, a infância como acontecimento e a escola como espaço onde a experiência narrativa seja possível, respirável, compartilhada.

A leitura e a escrita que aqui propomos não são neutras nem inocentes: são políticas, porque operam deslocamentos. São poéticas, porque produzem presença. São educativas, porque produzem mundo. Que possamos, como educadores, proteger os tempos e espaços da infância como espaços de narração — não de uma verdade a ser fixada, mas de múltiplas verdades a serem buscadas, imaginadas, escritas. Conforme diz Nietzsche (2009, p. 202), que sejamos “poetas-autores de nossas vidas”, começando pelas coisas mínimas e cotidianas.

Referências

- ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013. p. 223-230.
- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Trad. José Marcos Macedo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, Caderno Mais! 17 jun., 1999. p. 4-5.
- KOHAN, Walter. **Infância: entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2018.
- SOUZA, Ricardo Timm de. **Crítica da razão idolátrica: Tentaçã**o de Thanatos, Necroética e sobrevivência. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- VELASCO, Cristiane. **Histórias de boca: o conto tradicional na educação infantil**. São Paulo: Panda Books, 2018.

Recebido em: 26/07/2025
Aprovado em: 27/11/2025

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 26 - Número 62 - Ano 2025
revistalinhas.faed@udesc.br